

Risco de mais demissões no ABC

São Paulo — Além das seis mil demissões metalúrgicas do ABC Paulista (cidades da Grande São Paulo) já previstas até novembro, outros 30 mil poderão ficar sem emprego até o ano que vem, segundo o presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos (Sindipeças), Paulo Butori. O motivo: ajuste de produção no setor automotivo provocado pela elevação dos juros.

O assunto foi discutido ontem com o presidente do sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Luiz Marinho, ligado à CUT, durante conversa informal na inauguração da nova linha de montagem da Land Rover, em São Bernardo. Os dois iniciaram entendimentos sobre um acordo para tentar diminuir o impacto social da crise que atinge a economia brasileira.

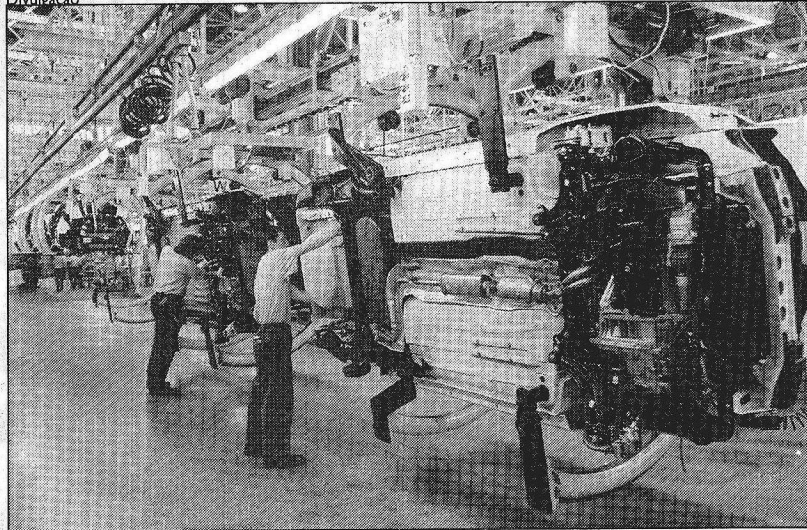
As montadoras de veículos, que no ano passado produziram mais de dois milhões de veículos no Brasil,

estão enfrentando dificuldades comerciais e devem reajustar o nível de produção para cerca de 1,6 milhão de veículos no ano que vem, segundo Butori. Este ano a estimativa é que a produção fique em torno de 1,7 milhão de unidades.

“Estamos tentando um acordo para reduzir os salários proporcionalmente à redução da jornada proposta pelos metalúrgicos”, afirmou o presidente do Sindipeças. “A redução do salário é inaceitável”, rebateu o metalúrgico. Butori insistiu em uma saída negociada e os dois marcaram um novo encontro para a semana que vem.

A situação não está ruim somente para o setor automobilístico, o emprego nas diversas áreas da economia vem descendo ladeira abaixo nos últimos anos e a tendência é esse quadro piorar. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informou ontem que até o mês de julho a indústria

Divulgação



Previsão é de que mais 30 mil metalúrgicos poderão perder o emprego

brasileira tinha demitido 9,1% do quadro de pessoal.

Em julho, a indústria dispensou 0,9% dos seus empregados e comparando-se com o mesmo mês do ano passado, o desemprego atingiu

9,8% dos trabalhadores. Houve queda do indicador nos 22 setores e os mais prejudicados foram os funcionários menos qualificados.

Além da redução de postos de trabalho, o total de salários pagos tam-

bém caiu em julho, segundo a pesquisa do IBGE. Em termos reais, o recuo foi de 0,2%, mas o resultado negativo aparece tanto no acumulado do ano (6,5% até julho) quanto na comparação com julho de 1997, com queda 7,3% no período.

No últimos 12 meses, a redução chega a 5,2%. O salário médio real — total dos vencimentos pagos dividido pelo número de trabalhadores — aumentou em julho (0,7%), depois de três meses em queda. A boa notícia é que a renda real aumentou 2,9% no ano para os que ficaram. Mas os números não refletem as demissões ocorridas em agosto e setembro. “Essa queda estava delineada ao longo do ano, pois maio foi o único mês em que a taxa ficou em zero. E a tendência é piorar. Com essa alta dos juros não temos nenhuma perspectiva de melhora”, afirma Myriam Ferreira, gerente do Departamento de Indústria do IBGE.